

# Sociedade da Informação: a percepção de José Saramago sobre a sociedade contemporânea

## Information Society: José Saramago's perception of contemporary society

Maria Irene Da Fonseca E Sá

*Pós-Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação, Universidade do Porto, Portugal, 2015. Doutorado em Ciência da Informação, PPGCI/IBICT/UFRJ, 2013. Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação, COPPE/UFRJ, 1982. Graduação em Matemática/Informática, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. Docente da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 11/2009. Email: mariarene@facc.ufrj.br*

### Resumo

*A sociedade da informação tem sua gênese no fim dos anos 1960, quando surgem as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) que permitem uma maior flexibilização e reorganização do trabalho. A globalização alavancada pela evolução das TIC provoca o aumento da produtividade e o crescimento econômico, no entanto também pode provocar efeitos não desejados sobre a distribuição de renda da população. Assim, a desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são desafios atuais. Saramago faz uso da alegoria A Caverna para levar os leitores de seu romance a refletirem sobre uma nova Caverna onde tudo acontece e onde a humanidade é mantida refém. Neste sentido, a questão que norteou o desenvolvimento deste trabalho foi: Qual é a percepção de José Saramago sobre a sociedade contemporânea, dita sociedade da informação?*

### Palavras-Chave

*Sociedade da Informação, José Saramago, A Caverna, Globalização, Ser humano.*

### Abstract

*The information society has its genesis at the end of the 1960s, when the new information and communication technologies (ICT) appear, allowing greater flexibility and reorganization of work. Globalization leveraged by the evolution of ICT causes increased productivity and economic growth, however it can also have undesired effects on the population's income distribution. Thus, the social inequality generated by globalization and the displacement of power to those who have access to information are current challenges. Saramago uses the allegory A Caverna to lead readers of his romance to reflect on a new Cave where everything happens and where humanity is held hostage. In this sense, the question that guided the development of this work was: What is José Saramago's perception of contemporary society, called the information society?*

### Keywords

*Information Society, Jose Saramago, A Caverna, Globalization, Human being.*

## Introdução

A sociedade da informação tem sua gênese no fim dos anos 1960, quando surgem as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) que permitem uma maior flexibilização e reorganização do trabalho.

## Castells proclama

No fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável (CASTELLS, 2010, p.39).

Desta forma, a globalização alavancada pela evolução das novas tecnologias provoca o aumento da produtividade e o crescimento econômico, no entanto também pode provocar efeitos não desejados sobre a distribuição de renda da população, na medida em que alguns se tornam mais capazes de se apropriar do excedente do que outros. Assim, a desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são desafios atuais e que de alguma forma são discutidos na obra de José Saramago.

Sempre descrente da atuação do ser humano, Saramago enfatizava que: “[...] as boas coisas para uns precisamente têm os seus poréns para outros [...]” (SARAMAGO, 2006, p.91), no livro *A Jangada de Pedra*, e “Se o negócio é bom ou mau, isso depende, que o dinheiro não tem sempre o mesmo valor, ao contrário dos homens, que sempre valem o mesmo, tudo e coisa nenhuma” (SARAMAGO, 2011a, p.107), no romance *Memorial do Convento*, e, ainda “O mundo não tem mais problemas que os problemas das pessoas” (SARAMAGO, 2002, p.40), no livro *O Homem Duplicado*. Este romance ressalta a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura do descartável e com a alienação do ser humano.

A irracionalidade do mundo contemporâneo foi a mola propulsora para o desenvolvimento do romance *Ensaio sobre a Cegueira* (SARAMAGO, 1995), que pode ser considerado um romance cruel, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano, e provavelmente, ao que há de pior no ser humano. No romance, todos ficam cegos, com exceção de uma única personagem que procura se manter racional. De início vem o internamento num manicômio dos que perderam a visão, mas em seguida todos ficam cegos e a cidade entra num estado de degradação total, com todo tipo de exploração: física, sexual, econômica, moral... Desta forma, Saramago nos apresenta a sociedade globalizada em que vivemos, com todos os tipos de exploração. Foi globalizada a cegueira, no entanto o que sobressai do cenário descrito é o individualismo, a satisfação do “eu” em detrimento do “outro”. O próprio Saramago afirmava que: “É o mundo que existe. Não há nada no livro que não possa ser encontrado no mundo real.” (SARAMAGO, 2015, p.32)

Os personagens de *Ensaio sobre a Cegueira* retornam ao romance *Ensaio sobre a Lucidez*, no qual Saramago questiona as debilidades, as fraquezas, da democracia. É a denúncia da falta de ética nas esferas superiores do governo. Saramago afirma que “[O *Ensaio sobre a Lucidez*] é um romance fundamentalmente político.” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.328). O romance inicia com o processo de eleição num dia chuvoso e o resultado da eleição, contados os votos, aponta que “[...] mais de setenta por cento da totalidade, estavam em branco.” (SARAMAGO, 2014a, p.25). É o simbolismo da rejeição ao poder constituído. A sociedade não se absteve de votar, ela votou e disse que as propostas apresentadas não serviam, não atendiam às necessidades daquela comunidade. Foi um basta! A personagem do comissário faz uma volta ao passado e relembra a época em que todos eram cegos e acaba por concluir: “Mas não é só quando não temos olhos que não sabemos aonde vamos” (SARAMAGO, 2004, p.306). Há muita gente que vê, mas não sabe aonde vai e acata todo tipo de manipulação. O comissário diz à mulher do médico: “Espero que nos tornemos a ver alguma vez, e em dias mais felizes, se ainda os houver, Pelos vistos perderam-se pelo

caminho [...]” (SARAMAGO, 2004, p.350). Esta frase, já quase ao final do romance, confirma a descrença de Saramago quanto à sociedade contemporânea.

Assim, com suas parábolas e fábulas, Saramago vai encaminhando seus leitores para a reflexão sobre o atuar do ser humano na sociedade atual.

Porém, é no romance *A Caverna* que Saramago conduz seus leitores para a realidade de uma caverna moderna, um lugar sem correntes, mas onde o homem vive amarrado, preso, enjaulado... Um mundo onde não há espaço para o desenvolvimento de atividades artesanais. Uma realidade em que o novo totalitarismo se baseia na economia e nas multinacionais, os novos donos do mundo. Assim, Saramago apresenta o mais descartável que existe na atualidade - o ser humano.

Saramago faz uso da alegoria *A Caverna* para levar os leitores de seu romance a refletirem sobre uma nova Caverna onde tudo acontece e onde a humanidade é mantida refém: o centro comercial (ou shopping). No centro comercial a sociedade se encontra, come, tem seus momentos de lazer, exercita, come e até reza. E, possivelmente, virá a residir. A moda está no centro comercial, assim como os valores da sociedade.

Neste sentido, a questão que norteou o desenvolvimento deste trabalho foi: Qual é a percepção de José Saramago sobre a sociedade contemporânea, dita sociedade da informação?

No desenvolvimento da investigação foram pesquisados autores, além de José Saramago, que exploram o tema objeto do estudo.

## **Sociedade da Informação e a Globalização**

As mudanças na sociedade estão ligadas à capacidade do homem de desenvolver ferramentas/procedimentos/tecnologias que o auxiliem nas tarefas de seu dia-a-dia, facilitando sua relação com o ambiente em que vive. No entanto, segundo Castells (2010, p.43), não é a sociedade quem determina "o curso das transformações tecnológicas" e nem a tecnologia determina a sociedade; ambas estão integradas em uma interação dialética, onde a sociedade, apesar de não determinar a tecnologia, é capaz de exercer poder sobre ela sufocando-a ou utilizando-se dela, de forma que o destino da economia ou qualquer outro aspecto social possa ser mudado.

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2010, p.44-45).

Desta forma, essa integração causa pontos a serem destacados ao longo da história da humanidade, em um processo que não depende apenas da criação de uma tecnologia, mas da capacidade da sociedade em dominá-la.

Castells realça a importância do alfabeto e da imprensa para a humanidade:

Por volta do ano 700 a. C. ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto. Essa tecnologia conceitual, segundo os principais estudiosos clássicos como Havelock, constituiu a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência como a conhecemos hoje. Tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito, com isso

separando o que é falado de quem fala e possibilitando o discurso conceitual. [...] A alfabetização só se difundiu muitos séculos mais tarde, após a invenção e difusão da imprensa e fabricação de papel. No entanto, foi o alfabeto que no ocidente proporcionou a infraestrutura mental para a comunicação cumulativa, baseada em conhecimento. (CASTELLS, 2010, p.413).

No entanto, é importante ressaltar que conhecimento nem sempre significa sabedoria e que o inverso também é verdadeiro: há pessoas sábias que não têm, ou não tiveram, acesso à informação. José Saramago descrente da humanidade e crítico à sociedade atual, em Dezembro de 1998, quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, principiou seu discurso na Academia Sueca com as seguintes palavras: “O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever.” (SARAMAGO, 1998, p.7). Ele falava de seu avô Jerônimo e, em seguida, passou a descrever como era sua vida com os avós, criadores de porcos, na aldeia. É com emoção e admiração que ele discorre sobre o viver de seu avô: “[...] este foi meu avô Jerônimo, pastor e contador de histórias, que, ao pressentir que a morte o vinha buscar, foi despedir-se das árvores do seu quintal, uma por uma, abraçando-se a elas e chorando porque sabia que não as tornaria a ver.” (SARAMAGO, 1998, p.9). Desta forma, Saramago relata a sabedoria de seu avô idoso, que estava consciente de sua finitude, mas já saudoso daquelas árvores que tinham sido companheiras de sua vida, acompanhando suas dores e sofrimentos e oferecendo a sombra e acalento nos momentos difíceis, como também testemunhas dos momentos de festa e felicidade, acolhendo os sonhos, o sono e o descanso, que por certo também ocorreram. Saramago compartilhou da vida de seus avós na aldeia. Assim, sua obra está impregnada do conhecimento construído a partir da sabedoria de seus avós.

Sabe-se que desde o início do surgimento do ser humano é realizado o registro de informações a fim de descrever fatos de um momento presente para as futuras gerações. A ideia da reprodução de informação em massa surgiu a partir da Revolução Industrial. Possibilitada pelo desenvolvimento da tecnologia, a imprensa passou a ser mais disseminada, com cunho social e informativo, ao mesmo tempo em que propiciava o lazer.

A Primeira Revolução Industrial, com início no século XVIII, teve seu nascedouro com a invenção do motor a vapor em 1769. As máquinas a vapor passaram a substituir o trabalho braçal humano com mais velocidade e melhor desempenho, influenciando os processos de produção e dando origem às primeiras indústrias. A Segunda Revolução Industrial, a partir da metade do século XIX, teve a eletricidade como inovação, que, entre outros fatos, possibilitou o desenvolvimento dos meios de comunicação à distância. A Terceira Revolução Industrial foi o embrião para o nascimento da sociedade da informação, devido a sua dependência da tecnologia e da ciência. Bell (1973) lembra que “As expressões sociedade industrial, pré-industrial e pós-industrial são sequências conceituais ao longo do eixo da produção e dos tipos de conhecimento utilizados”. (BELL, 1973, p.25). Assim, o desenvolvimento da sociedade da informação remonta às rápidas e exponenciais constituições das estruturas de informação do século XX.

Portanto, o termo sociedade da informação surge como uma mudança de paradigma tecno-social presente na sociedade pós-industrial, visando o amplo uso da informação para a sociedade. O sociólogo Bell (1973, p.467) afirma que “a sociedade pós-industrial é uma sociedade da informação, como a sociedade industrial é uma sociedade produtora de bens”. Assim, “O mundo de hoje se encontra interconectado e emitindo permanentemente mensagens que o percorrem de um extremo ao outro.” (DUPAS, 2011, p.41).

Portanto, tem-se a internacionalização da globalização e da tecnologia, onde ocorre um processo de universalização da cultura, dos produtos, das trocas, dos custos e do capital.

Dupas afirma que:

O capitalismo global caracteriza-se por ter na inovação tecnológica um instrumento de acumulação em nível e qualidade infinitamente superiores aos experimentados em suas fases anteriores; e por utilizar-se intensamente da fragmentação das cadeias produtivas propiciada pelos avanços das tecnologias da informação. (DUPAS, 2011, p.100).

Neste cenário, a capacidade de produzir cada vez mais e com mais qualidade está acelerada e a cada momento as tecnologias geram novos produtos de consumo e como diz Dupas (2011, p.49) “[...] a utopia dos mercados livres e da globalização torna-se a referência”. No entanto ele alerta:

A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer. Paciência que tal progresso traga consigo regressões, desemprego, exclusão, pauperização, subdesenvolvimento. A distribuição de renda piora, a exclusão social aumenta, o trabalho se torna mais precário nesse mundo de poder, produção e mercadoria (DUPAS, 2011, p.50).

Corroborando com Dupas, Canclini fala das TIC e do impacto delas na sociedade, ressaltando as diferenças que existem na sociedade:

A expansão mais ou menos uniforme e mundial de “próteses tecnológicas” (computadores e programas, telefones celulares, CDs, cartões de crédito) não elimina a diversidade das relações sociais entre as pessoas, destas com o conhecimento, com o dinheiro e com seu corpo. Sem dúvida, contribui para estabelecer relações entre os estilos de vida e de representação da vida. Mas persistem as diferenças, as divergências, as discrepâncias. (CANCLINI, 2007, p.241).

Canclini também alerta para os problemas que advêm com a globalização:

As investigações sobre cidades globais vêm revelando, junto com os sistemas de integração (forte papel das empresas transnacionais, misturas culturais, crescente número de turistas), a exclusão de zonas tradicionais e pobres, o aumento da marginalização, do desemprego e da insegurança. Coexistem oportunidades de incorporação global e movimentos de degradação. As fraturas entre integrados e excluídos, conectados mundialmente e localizados à força não são exclusivas dos países subdesenvolvidos; encontram-se e agravam-se também nas urbes européias e estadunidenses (CANCLINI, 2007, p.252).

Da mesma forma, Rodrik, em seu livro *A globalização foi longe demais?*, afirma que:

[...] o desafio mais sério à economia global nos anos vindouros é tornar a globalização compatível com a estabilidade social e política interna – ou, colocando em palavras ainda mais diretas, garantir que a integração econômica internacional não contribua para a desintegração social interna. (RODRIK, 2011, p.3).

Neste sentido, Saramago, em conjunto com outras pessoas, subscreveu em 2008 um protesto de forma a alarmar a sociedade quanto aos problemas oriundos da globalização e as possíveis saídas que se afiguravam. Segue um trecho do manifesto:

As “leis do mercado” conduziram a uma situação caótica que levou a um “resgate” de milhares de milhões de dólares, de tal modo que, como se referiu acertadamente, “se privatizaram os ganhos e se nacionalizaram as perdas”. Encontraram ajudas para os culpados e não para as vítimas. Esta é uma ocasião única para redefinir o sistema económico mundial a favor da

justiça social.

Não havia dinheiro para os fundos de combate à SIDA, nem de apoio para a alimentação no mundo... e afinal, num autêntico turbilhão financeiro, acontece que havia fundos para que não se arruinassem aqueles mesmos que, favorecendo excessivamente as bolhas informáticas e imobiliárias, arruinaram o edifício económico mundial da “globalização”.

[...] Investimentos nas energias renováveis, na produção de alimentos (agricultura e aquicultura), na obtenção e condução de água, na saúde, educação, habitação... para que a “nova ordem económica”, seja, por fim, democrática e beneficie as pessoas. O engano da globalização e da economia de mercado deve terminar! A sociedade civil já não será um espectador resignado e, se necessário for, utilizará todo o poder de cidadania que hoje, com as modernas tecnologias de comunicação, possui. (SARAMAGO, 2009, p.93).

Portanto, o que se percebe na sociedade da informação é que as lacunas entre os que têm e os que não têm e os que sabem e os que não sabem vêm se mantendo (ou talvez, se ampliando). E, Saramago discorre sobre a globalização de sentimentos, conclamando os seres humanos para a reflexão sobre o agir de cada um:

Deixando agora de lado se deveríamos ou não envergonhar-nos de ser a espécie a que pertencemos aquilo que é, ao menos envergonhemo-nos das nossas apatias, das nossas indiferenças, das nossas cumplicidades tácitas ou abertas, das nossas penosas cobardias disfarçadas de neutralidade. Já que os poderes do mundo se mostram tão empenhados em globalizar-nos, globalizemo-nos nós por nossa conta... (SARAMAGO, 2011b, p.233).

Neste sentido, Saramago faz uso de sua escrita em seus romances para expor o incomodo que o mundo lhe causa, pois, como proferiu nos Discursos de Estocolmo, “[...] a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais [...]” (SARAMAGO, 1998, p.20). A percepção de Saramago sobre a sociedade contemporânea não é boa e é tal fato que sobressai de seus romances.

## **As Redes Sociais (Mídias Sociais) e a Sociedade da Exibição**

Quanto às TIC e à Internet, Castells afirma que:

Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. Ademais, à medida que novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível a fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. (CASTELLS, 2003, p.7).

Desta forma, a sociedade vive hoje numa grande rede. O termo rede pode ter muitas definições, mas pode-se usar a definição de Castells (2003, p.7): “Uma rede é um conjunto de nós interconectados”. Castells ainda alerta que:

A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação. (CASTELLS, 2003, p.7).

Portanto, desde a antiguidade o ser humano procura viver em rede. Um novo nome para aglomeração, tribo, comunidade ou nação. O que muda é como se dá a comunicação da informação.

Castells faz uma breve descrição da evolução da comunicação humana na sociedade:

[...] a cultura audiovisual teve sua revanche histórica no século XX, em primeiro lugar com o filme e o rádio, depois com a televisão, superando a influência da comunicação escrita nos corações e almas da maioria das pessoas. [...] Uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo [...] a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. [...] a formação de um hipertexto e uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. (CASTELLS, 2010, p.413-414)

Castells fala do acesso aos serviços da Internet e do papel das universidades nesse processo. No entanto, ele alerta para a desigualdade social que se acentua nesse cenário:

O início da CMC (comunicação global mediada por computadores) em larga escala ocorreu, nos EUA, entre pós-graduandos e corpo docente de universidades no início dos anos 90. E apenas alguns anos depois, aconteceu um processo semelhante no resto do mundo. [...] Na verdade, ao contrário do suposto isolamento social sugerido pela imagem da torre de marfim, as universidades são os principais agentes de difusão de inovações sociais porque geração após geração de jovens por ali passam, ali conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habitua a elas. [...] O processo de formação e difusão da Internet e das redes de CMC a ela ligadas nos últimos 25 anos moldou de forma definitiva a estrutura do novo veículo de comunicação na arquitetura da rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais de comunicação. A arquitetura de rede é, e continuará sendo, aberta sob o ponto de vista tecnológico, possibilitando amplo acesso público e limitando seriamente restrições governamentais ou comerciais a esse acesso, embora a desigualdade social se manifeste de maneira poderosa no domínio eletrônico. (CASTELLS, 2010, p.440-441).

Portanto, o saber continua sendo para parte da sociedade, pois a desigualdade social, promovida pelo analfabetismo funcional e a pobreza, fazem com que muitos seres humanos sejam meros espectadores, passíveis de manipulação e sem capacidade de interpretação dos fatos.

Assim, as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais (CASTELLS, 2010, p.57) e,

[...] quando as redes se difundem, seu crescimento se torna exponencial, pois as vantagens de estar na rede crescem exponencialmente, graças ao número maior de conexões, e o custo cresce em padrão linear. Além disso, a penalidade por estar fora da rede aumenta com o crescimento da rede em

razão do número em declínio de oportunidades de alcançar outros elementos fora da rede. (CASTELLS, 2010, p.108).

Neste sentido, logo surgiram outros tipos de mídias; as chamadas redes sociais, como o Facebook e o Instagram. No entanto, já em 2010, Castells alertava:

[...] os críticos sociais, como Mark Slouka, condenam a desumanização das relações sociais que nos trouxeram os computadores, pois a vida on-line parece ser uma maneira fácil de fugir da vida real. [...] as pesquisas acadêmicas rigorosas parecem indicar que, em certas ocasiões, o uso da Internet aumenta as chances de solidão, sensações de alienação ou mesmo depressão. (CASTELLS, 2010, p.443).

O que parece ser alavancado pelas redes sociais é a cultura narcisista e espetacular. Ao expor apenas as viagens, a ida a bons restaurantes e as melhores fotos de si mesmo, é criada uma pressão para a perfeição constante e se tende a esquecer de que a vida não é feita unicamente de bons momentos, ocasionando a distorção entre o que é a realidade e o que são apenas aparências. Ocorre então a fase extrema do processo de alienação, em que a falsa realidade é aceita como real e a vida humana e social é reduzida a imagem. Tem-se então a sociedade da exibição ou a “sociedade do espetáculo” de Guy Debord (1997).

Guy Debord, falecido em 1994, foi um filósofo, cineasta e crítico cultural francês. Dentro de toda sua participação política, principalmente nos eventos de Maio de 68, esteve envolvido com a fundação e manutenção da Internacional Situacionista – grupo dedicado à crítica daquilo que ele chamou de sociedade do espetáculo, uma sociedade mediada por imagens, onde a lógica do intercâmbio mercantil atingiu toda a vida cotidiana.

O conceito de sociedade do espetáculo apareceu pela primeira vez em 1967, quando Guy Debord publicou o livro *La Société Du Spectacle*, um estudo crítico sobre capitalismo, consumo e sociedade. No livro, ele apresenta seu conceito de espetáculo como uma “relação de pessoas mediada por imagens” (DEBORD, 1997). Imagens seriam representações imediatas que adquirem autonomia e fazem das pessoas meros espectadores contemplativos.

No prólogo da terceira edição francesa, o autor fala do quanto sua crítica à sociedade do espetáculo continua atual:

*A Sociedade do Espetáculo* foi publicado pela primeira vez em novembro de 1967, em Paris, por Buhet-Chastel. Os tumultos de 1968 o tornaram conhecido. O livro, no qual jamais mudei uma só palavra, foi reeditado seguidamente a partir de 1971 pelas Éditions Champ Libre que tomaram o nome de Gérard Lebovici em 1984, após o assassinato do editor. A série de reimpressões sucederam-se aí regularmente até 1991. A presente edição, ela também, permaneceu rigorosamente idêntica à de 1967. A mesma regra norteará aliás, muito naturalmente, a reedição de todos os meus livros na Gallimard. Não sou destes que se corrigem.

Uma teoria crítica como esta não tem que ser mudada; não enquanto não tiverem sido destruídas as condições gerais do longo período da história de que esta teoria terá sido a primeira a definir com exatidão. A continuação do desenvolvimento do período não fez senão confirmar e ilustrar a teoria do espetáculo. (DEBORD, 1997, p.6).

Debord considerava que, na emergente sociedade do espetáculo, o que contava mesmo era parecer, num crescente processo de sobrevalorização da forma sobre o conteúdo: importa sobretudo a imagem, a aparência, a exibição. Parecer seria mais importante do que ser e existir. Assim, o que realmente tem importância são as versões, as visões que podem ser criadas e recriadas, independentemente de sua veracidade.

A sociedade do espetáculo começou a ser mais perceptível com o início da era do rádio, que na época, era o veículo de comunicação de massas com maior alcance e imediatismo. A chegada da televisão reforçou ainda mais esse conceito espetacular, que, com uma programação quase totalmente ao vivo, composta de telejornais, teleteatros, programas musicais, de variedades e esportivos, a televisão passou a ingressar nos lares familiares.

Portanto, Guy Debord há muito tempo percebeu que o mundo passaria a ser comandado pelo poder da imagem, que, em quase todas as situações, pode muito bem substituir a própria realidade das coisas, e até das pessoas.

Saramago afirmou que “[...] o espetáculo tomou o lugar da cultura. O mundo converteu-se num grande palco, num enorme *show*. Metade da população mundial vive dando espetáculo à outra metade. E provavelmente vai acontecer um dia em que já não haverá público e todos serão actores [...]” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.481).

Dupas também corrobora com o pensamento de Debord e alerta para a manipulação do ser humano:

Esse mundo-espetáculo no qual as vedetes são as figuras do ganhador, do ostentador – e seus palcos eletrônicos -, mitifica o fugaz e o frágil. A comunicação e as mídias, os comunicadores e os publicitários, selecionam as imagens daquilo que querem que o mundo venha a ser, especialmente ornadas de artifícios sedutores e, por isso mesmo, mais vulneráveis. Quando Guy Debord publicou *O Estado espetáculo*, um ano antes do movimento de maio de 1968, sua contundente análise acabou antecipando uma face fundamental do capitalismo no século XXI. Com a tecnologia da informação, nunca a tirania das imagens e a submissão do império das mídias foram tão fortes. Os profissionais do espetáculo ocuparam grande parte da cena e do poder. (DUPAS, 2011, p.51).

Tais fatos podem ser verificados no dia a dia das publicações nas redes sociais, nos jornais, impressos ou eletrônicos, nas notícias da televisão ou do rádio.

No entanto, ao ler os romances de Saramago, percebe-se que as personagens de Saramago revelam-se pelo que são e não pelo que têm. Em geral são personagens comuns, do povo, com suas tristezas e alegrias, certezas e dúvidas, dores e gozos, paz e inquietude. Enfim, são seres humanos em busca de dar razão a suas vidas.

## **A Caverna de José Saramago**

Na parábola social *A Caverna*, Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais, em que o ser humano não perde o emprego, mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. Nesta versão moderna do mito da caverna de Platão, José Saramago faz uma apresentação sutil da face cruel do mundo capitalista e tecnológico.

É um romance que fala de mudanças e de como as mudanças são percebidas e assimiladas pelo ser humano:

[...] são os tempos que mudam, são os velhos que em cada hora envelhecem um dia, é o trabalho que deixou de ser o que havia sido, e nós que só podemos ser o que fomos, de repente percebemos que já não somos necessários no mundo, se é que alguma vez o tínhamos sido antes, mas acreditar que o éramos parecia bastante, parecia suficiente, e era de certa maneira eterno pelo tempo que a vida durasse [...] (SARAMAGO, 2000, p.106-107).

O próprio Saramago esclarece o objetivo do romance *A caverna*:

O que *A Caverna* faz é perguntar ao leitor: “Seremos nós como os prisioneiros da Caverna de Platão que acreditavam que as sombras que se moviam na parede eram a realidade? Estaremos vivendo num mundo de ilusões? Que temos feito do nosso sentido crítico, da nossa exigência ética, da nossa dignidade de seres pensantes?” Que cada um dê a sua resposta [...] (SARAMAGO, 2013, p.40).

Desta forma, Saramago, com uma preocupação profunda e racionalizada, leva seus leitores à reflexão sobre os danos provocados na humanidade pelo capitalismo do século XXI. O que se sabe não serve mais! “Trabalhas, trabalhas e trabalhas, e um dia [...] dizem-te que o que fizeste não serviu para nada” (SARAMAGO, 2000, p.43). “Como é que uma pessoa se prepara para levar uma martelada na cabeça” (SARAMAGO, 2000, p.42).

Nunes (2000) afirma: “A anulação do trabalho manual ou artesanal pela tecnologia, tal poderia ser o resumo desse aspecto destrutivo do capitalismo em seu acme, convertido pelo romance numa parábola social, a que o romancista contrapõe, em sutil paródia, o mito dos que creem nas sombras”.

Saramago reflete sobre a insegurança vivida pelos seres humanos no mundo atual:

Quando às vezes eu digo que *A Caverna* é um romance sobre o medo, temos de entender o que é que quero significar com isso: um medo que mais ou menos sempre sofremos, mas não tanto como agora. É o medo de perder o emprego. Há um medo instalado na sociedade moderna, talvez pior que todos os outros medos: é o medo da insegurança, o medo de amanhã não ter com que alimentar a família. Esse medo paralisa. (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.326)

Lopes também fala do livro:

O livro viria efectivamente a contrastar a absolutização do mercado no símbolo do centro comercial e a do consumidor no lugar do cidadão com uma família de oleiros artesanais que acaba por conseguir subtrair-se à lógica concentracionista do neoliberalismo. Nem todos são devorados na voragem mercantilista, consumista e reprodutora do “pensamento único”. A opacidade da cidadania transformada em imagem das coisas que se podem comprar e vender, qual uma nova “caverna” platônica que a impedisse de ver o eu e o outro em relações de solidariedade humana por fora das alienações coisificadas, é transportada nesta nova alegoria saramaguiana (LOPES, 2011, p.111-112).

Assim, o próprio Saramago diz:

O centro [comercial] é um lugar de ideologia. É isso que leva as pessoas ao centro comercial. Os que dizem que as ideologias acabaram, na realidade o que estão a dizer é que acabou “uma” ideologia. Não é verdade que as pessoas não tenham uma ideologia. Mas é nova: consumir, consumir. Antes comprávamos, agora consumimos. (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.488).

Neste sentido, é importante refletir sobre o significado dos verbos comprar e consumir. Enquanto o verbo comprar tem como significado “adquirir a preço de dinheiro” (KOOGAN/HOUAISS, 1997, p.415), o verbo consumir tem o significado de “gastar, despender, extinguir” (KOOGAN/HOUAISS, 1997, p.430). Desta forma, precisa-se comprar, adquirir, aquilo que se necessita para viver, mas consumir é ir além: é comprar por comprar...

Saramago enfatiza: “A mim, o que me interessa é que o centro comercial simboliza um sistema cruel. Fabrica excluídos sem piedade alguma” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.326). E, ele interpela:

O problema que se coloca é: que tipo de vida queremos? O único lugar público seguro que existe é o centro comercial, como antes era o parque, a rua, a praça. [...] O centro comercial é a nova catedral e a nova universidade: ocupa o espaço de formação da mentalidade humana. Os centros comerciais são um símbolo. Não tenho nada contra eles, o que estou é contra uma forma de ser, de um espírito quase autista de consumidores obcecados pela posse de coisas. É aterradora a quantidade de coisas inúteis que se fabricam e se vendem, e o Natal é uma ocasião estupenda para comprovar isso. (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.487-488).

Assim, na sociedade, dita da informação e globalizada, intensificam-se as discussões sobre a influência das ações dos seres humanos na sociedade e no meio ambiente e, também, as formas como essas ações são sentidas pela humanidade. Nesse sentido, discute-se sobre a crise dos valores morais e a falta de ética. Algumas considerações ficam evidenciadas na leitura do romance *A Caverna*.

- É doloroso chegar-se ao conhecimento, pois romper com a ignorância requer sacrifícios e coragem.
- O conhecimento provoca mudanças e as mudanças precisam ser gerenciadas e assimiladas.
- O acesso facilitado à informação pode ser benéfico para os seres humanos. Por outro lado, pode levar à exclusão de outros e/ou ampliar o fosso entre os que têm acesso e os que não têm acesso à informação.
- A questão da educação, ou seja, a discussão do potencial de dominação e opressão que a educação pode exercer sobre o ser humano.
- A questão da cultura global versus a cultura local: países desenvolvidos versus países em desenvolvimento, onde estes últimos acabam por assimilar costumes, tecnologias e culturas de países dominantes/desenvolvidos e acabam por perder sua identidade e cultura local. Assim, os prisioneiros que nem sequer podem ver o seu próprio corpo ou o das outras pessoas, inevitavelmente confundem as sombras e os ecos refletidos na parede à sua frente com a própria realidade, pois não conhecem outra.

E, algumas reflexões devem ser feitas sobre:

- A parcela da humanidade que é tolhida em sua liberdade de busca pelo conhecimento.
- O uso da informação para manipulação de partes da sociedade.

Assim, pode-se afirmar que continuamos a viver na Caverna de Platão, pois diariamente os seres humanos são apresentados a imagens de uma falsa realidade. É necessário filtrar e verificar a informação recebida, pois se pode acabar acreditando nas sombras e ficar preso na caverna. Portanto, é necessário ler, debater, refletir, ouvir pontos de vista diferentes, de forma a não se ficar preso na própria ignorância.

“Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros. Eles são como nós!” (PLATÃO apud SARAMAGO, 2000). Esta é a epígrafe do romance *A Caverna* que sinaliza o pensamento de Saramago sobre a sociedade atual. Na frente de televisões, computadores e celulares, muitas pessoas acreditam estar lidando com a realidade, mas muitas vezes o que sobressai são as notícias falsas, tendenciosas, especulativas e extraordinárias. Porém, as notícias da vida simples do dia a dia, aquelas que seriam valiosas e verdadeiras, raramente merecem a atenção da mídia.

Contrastando com tais fatos, tem-se no romance *A Caverna* os diálogos entre o pai, Cipriano Algor, e a filha, Marta, que são muito ricos e sábios, apesar da simplicidade das personagens.

Marta diz ao pai: “[...] gosto de conversar consigo como se não fosse meu pai, gosto de fazer de conta, como diz, de que somos simplesmente duas pessoas que se querem muito, pai e filha que se amam porque o são, mas que igualmente se quereriam com amor de amigos se o não fossem.” (SARAMAGO, 2000, p.67). As falas de pai e filha demonstram a cumplicidade e o amor que existe entre os dois.

Refletindo sobre a finitude da vida, o sábio Cipriano fala para Marta: “A véspera é o que trazemos a cada dia que vamos vivendo, a vida é acarretar vésperas como quem acarreta pedras, quando já não podemos com a carga acabou-se a transportação, o último dia é o único a que não se pode chamar véspera” (SARAMAGO, 2000, p.76). E sobre o ato da leitura, Cipriano diz a Marta:

[...] há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa (SARAMAGO, 2000, p.77).

Nessa fala, Saramago, através de Cipriano, esclarece que quem lê deve buscar o entendimento do que leu. Talvez seja uma crítica aos analfabetos funcionais que leem, mas são incapazes de apreenderem o significado. No entanto, também pode ser uma crítica aos seres humanos que passam pela vida sem adquirir sabedoria, ou seja, sem conhecimento adquirido pela experiência, pela vivência. Não basta viver, é necessário aprender com a vida.

Os diálogos entre a viúva Isaura e Cipriano também são repletos de sabedoria e humanidade. Eles se encontram no cemitério, onde os dois tinham ido para visitar as sepulturas de seus cônjuges. Eles se cumprimentam e falam sobre a substituição de um cântaro que se partira. Cipriano resolve dar um cântaro novo (de seu fabrico) a Isaura que lhe diz: “Muito obrigada, [...] depois do que conversámos lá no cemitério pensei que não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como tudo no mundo.” (SARAMAGO, 2000, p.62). Outra reflexão sobre a finitude da vida e a aceitação da morte. É poética a forma como ela manifesta o seu amor por Cipriano “[...] quando apertei aquele cântaro contra o peito, realmente era preciso que fosses homem para não compreenderes que te estava a apertar a ti [...]” (SARAMAGO, 2000, p.348). Assim, como já havia sido descrito em outros romances, é retratado o amor na idade avançada, à semelhança do amor de Saramago e Pilar.

Apesar da descrença de Saramago quanto ao agir do ser humano, ele sempre deixa em seus romances um lampejo de esperança, seja através da descoberta do amor entre dois seres ou da vida que se renova através da gestação/nascimento de novos seres humanos.

Umberto Eco escreve o romance *O nome da rosa* inspirado no escritor Jorge Luis Borges, que nasceu em Buenos Aires em 1899 e foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional Argentina em 1955. Em 1960, Borges ficou cego e faleceu em 1986. Borges é o autor de *A biblioteca de Babel*, um texto clássico sobre o poder das bibliotecas. Dizia Borges (1944):

O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente.

Assim, Borges, quando publicou *Ficções* que contém o conto *A Biblioteca de Babel*, antevia a sociedade atual, dita a sociedade da informação. Vale observar que Babel quer

significar confusão, e que essa confusão aparece como instrumento de poder, que pode ser uma forma de controle do ser humano.

Neste sentido, pode-se considerar que Borges previa o momento atual da sociedade, baseado no acesso a grandes estoques de conhecimento, mas que também propicia a confusão, a desinformação, a contrainformação e a produção de excluídos da dita sociedade. Borges alertava para o futuro da humanidade e do conhecimento e já apontava para a inutilidade do conhecimento numa sociedade pautada pela discórdia e pela ganância do ser humano, como se percebe no texto: “Talvez me enganem a velhice e o temor, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.” (BORGES, 1944).

Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*, trata da história ocorrida num Mosteiro Beneditino italiano que continha, na Idade Média, o maior acervo cristão do mundo. Poucos monges tinham o acesso autorizado, devido às relíquias arquivadas na biblioteca. O título do romance tem sua origem exatamente na riqueza da biblioteca. ‘O nome da rosa’ era a expressão usada na Idade Média para denotar o infinito poder das palavras. Portanto a ‘rosa’ é a antiga biblioteca do convento beneditino, na qual estavam guardados, em grande número, códigos preciosos: parte importante da sabedoria grega e latina que os monges conservaram através dos séculos. Eco eterniza Borges na figura do bibliotecário Jorge de Burgos, guardião do conhecimento armazenado nos livros da biblioteca do mosteiro. Ele tem o poder de decisão sobre a permissão, ou não, de divulgação da informação contida nos livros. O saber não é para todos! Assim, a personagem Guilherme questiona “[...] de que serve controlar tanta reserva de saber quando se aceita não colocá-lo à disposição de todos os demais.” (ECO, 2003, p.381). A personagem Guilherme explica para a personagem Adso a função dos livros: “Os livros não são feitos para acreditarmos neles, mas para serem submetidos a investigações. Diante de um livro não devemos nos perguntar o que diz mas o que quer dizer, idéia que os velhos comentadores dos livros sagrados tiveram claríssima.” (ECO, 2003, p.306).

Na Idade Média, como é relatado no romance *O Nome da Rosa*, os livros eram raridades preciosas, às quais poucos tinham acesso. Portanto, o romance é uma crítica à intolerância que marcou a Idade Média. Porém, torna-se necessária a reflexão sobre os tempos atuais e buscar a discussão sobre a parcela da humanidade que é tolhida em sua liberdade de busca pelo conhecimento. No romance, ao iniciar o relato da viagem com Guilherme, Adso está pessimista com o mundo em que vive:

A juventude não quer aprender mais nada, a ciência está em decadência, o mundo inteiro caminha de cabeça para baixo, cegos conduzem outros cegos e os fazem precipitar-se nos abismos, os pássaros se lançam antes de alçar vôo, o asno toca lira, os bois dançam. [...] Sejam dadas graças a Deus por eu naqueles tempos ter adquirido de meu mestre a vontade de aprender e o sentido do caminho reto, que se conserva mesmo quando o atalho é tortuoso. (ECO, 2003, p.22-23).

Esta fala do romance, apresenta um Umberto Eco descontente com o mundo em que vive e pessimista em relação ao rumo da sociedade.

Da mesma forma, Saramago resume as preocupações que externou em seus romances, acreditando no poder do conhecimento:

Toda a minha obra pode ser entendida como uma reflexão sobre o erro. Sim, sobre o erro como verdade instalada e por isso suspeita, sobre o erro como depuração intencional de factos, sobre o erro como ilusão dos sentidos e da mente, mas também sobre o erro como ponto necessário para se chegar ao conhecimento (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.325).

E, em seu romance *A Caverna*, provoca o leitor:

[...] as pessoas em geral reagem assim, ninguém gosta de ser deixado à margem, desconsiderado no seu direito à informação e ao conhecimento, no entanto, lá muito de longe em longe, ainda se vai topando com alguma rara excepção neste fastidioso mundo de repetições, como lhe poderiam ter chamado os sábios órficos, pitagóricos, estóicos e neoplatónicos, se não tivessem preferido, com poética inspiração, dar-lhe o mais bonito e sonoro nome de eterno retorno. (SARAMAGO, 2000, p.295)

No romance, a busca pelo conhecimento leva Cipriano Algor, junto com seu genro Marçal, a identificarem no subterrâneo do Centro Comercial a realidade da Caverna de Platão:

A luz trémula da lanterna varreu devagar a pedra branca, tocou ao de leve uns panos escuros, subiu, e era um corpo humano sentado o que ali estava. Ao lado dele, cobertos com os mesmos panos escuros, mais cinco corpos igualmente sentados, erectos todos como se um espigão de ferro lhes tivesse entrado pelo crânio e os mantivesse atarraxados à pedra. [...] viu restos de ataduras que pareciam ter servido para lhes imobilizar os pescoços, depois baixou a luz, ataduras iguais prendiam-lhes as pernas. [...] Se não são os outros, uma vez que eles não existiram, quem são estes, perguntou Marçal, Não sei, mas depois de os ver fiquei a pensar que talvez o que realmente não exista seja aquilo a que damos o nome de não existência.

[...] logo a luz se estendeu pelo chão fora até ir bater na base de um muro que atravessava a gruta de lado a lado, mas sem chegar às paredes. Não havia qualquer plataforma, apenas uma passagem ao longo do muro. [...] Avançou alguns passos e de repente estacou. [...] No chão via-se uma grande mancha negra, a terra estava requeimada naquele lugar, como se durante muito tempo tivesse ardido ali uma fogueira.

Que há lá em baixo, tornou a perguntar Marta [...]

Essas pessoas somos nós, disse Cipriano Algor, Que quer dizer, Que somos nós, eu tu, o Marçal, o Centro todo, provavelmente o mundo. (SARAMAGO, 2000, p.332-334).

E, Saramago leva Cipriano Algor a concluir: “[...] não vou ficar o resto dos dias atado a um banco de pedra e a olhar para uma parede. (SARAMAGO, 2000, p.337). É a razão vencendo a dominação e a manipulação

Portanto, a caverna é simbolizada pelo centro comercial, onde toda a vida e verdade se concentram. No entanto, os personagens da família de oleiros se recusam a aceitar a realidade do centro e saem do centro comercial em busca de outra realidade, libertando-se das influências culturais e sociais do centro comercial/caverna. No entanto, essa ação não será suficiente. O mundo é o mesmo e as cavernas existem por toda a parte. Saramago esclarece:

As pessoas crêem ingenuamente que esse gesto resolveu tudo e não notam que não resolveu nada, eles apenas quiseram deixar de estar onde haviam estado, mas o mundo que os espera é um mundo que é, de outra maneira e noutros lugares, o mesmo de onde eles pretendem sair agora. Portanto, ao sair do Centro, provavelmente vão encontrar outros centros e a frase com que o livro acaba, em que se diz que foi descoberta a autêntica caverna de Platão e que se vendem entradas para a inauguração no dia seguinte, é simplesmente para mostrar como a sociedade actual se apropria de tudo que lhe parece poder ser transformado em fonte de riqueza para si própria ou para os que têm o poder de decidir sobre o destino de determinados factos ou pessoas (SARAMAGO apud SILVA, 2009, p.318).

Assim, a esperança está voltada para casos isolados e não como fenômeno social, ressaltando o pessimismo do autor que está descrente da humanidade e que afirma “A beleza do mundo futuro pouco nos importa se não estivermos nele” (SARAMAGO, 2014b, p.112).

## Considerações finais

A visão de Saramago sobre a sociedade contemporânea não é boa. A frase “O caos é uma ordem por decifrar” (SARAMAGO, 2002, p.103), que está no livro *O Homem Duplicado*, resume um mundo e uma sociedade onde as relações humanas são desprovidas de razão e de ética. O ponto central de seus romances é o homem e suas relações com o semelhante, ou seja, o olhar o “outro” – a alteridade. A afirmação: “Ah, este mundo a que alguns chamam cão. Os cães, decerto lhe chamariam homem.” (SARAMAGO, 2010, p.113) descreve a percepção de Saramago sobre a sociedade atual e a descrença do atuar do ser humano.

No romance *A Caverna* é apresentada a opressão de um sistema capitalista centralizador, a burocratização das relações humanas e a destruição das tradições pela evolução devoradora da tecnologia. Castells vem lembrar que:

Assim, a dimensão social da revolução da tecnologia da informação parece destinada a cumprir a lei sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade proposta algum tempo atrás por Melvin Kranzberg: “A primeira lei de Kranzberg diz: A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra.” (CASTELLS, 2010, p.113).

Por sua vez, Dupas alerta que “O deslumbramento diante da novidade tecnológica e a ausência total de valores éticos que definam limites e rumos poderão estar incubando tanto novos deuses, que conduzirão a humanidade à sua redenção, como serpentes cujos venenos ameaçarão sua própria sobrevivência.” (DUPAS, 2011, p.103).

E da mesma forma, como Saramago apresenta a sociedade globalizada no romance *A caverna*, Dupas discorre sobre a sociedade contemporânea:

De fato, a vida nas sociedades contemporâneas se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente torna-se uma representação. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo de divertimentos – o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou uma degradação do “ser” para o “ter”. Em seguida, operou-se um deslizamento generalizado do “ter” para o “parecer-ter”. Na atual situação das grandes massas excluídas da sociedade global só resta o “identificar-se-com-quem-parece-ser-ou-ter” por meio do espetáculo, sequer ao vivo, mas “visto-a-distância” através das mídias globais que lhes oferecem exposições instantâneas de todos os tipos e partes do mundo (DUPAS, 2011, p.52)

Nesse sentido, Castells discorre sobre o papel da televisão na sociedade e a sua abrangência:

Por que a televisão se tornou esse modo predominante de comunicação ainda é objeto de calorosos debates [...] a síndrome do mínimo esforço, que parece estar associada com a comunicação mediada pela TV, poderia explicar a rapidez e a penetrabilidade de seu domínio como meio de comunicação [...] (CASTELLS, 2010, p.416).

Além da questão do mínimo esforço, e considerando a exclusão de uma parcela da humanidade da sociedade global que possui acesso à informação, a televisão propicia o “identificar-se-com-quem-parece-ser-ou-ter”, ou seja, a sociedade da exibição.

Castells afirma que: “Somos tempo personificado, e também o são nossas sociedades, formadas pela história.” (CASTELLS, 2010, p.523). Nesse sentido, Saramago critica o ensino e a sociedade da informação:

As necessidades supérfluas encontram hoje mais fácil e mais rápida satisfação que certas necessidades fundamentais básicas. Aparentemente convertidos em senhores do espaço e do tempo pela capacidade de manejar um teclado de computador, circulamos pelas autoestradas da informação e da comunicação, podemos, sem sair de casa, embasbacar nos grandes museus, assistir aos grandes espetáculos sem precisar de aplaudir, aceder às grandes bibliotecas para ler o que porventura já tínhamos nas nossas prateleiras – mas o ensino, por exemplo, prioritária necessidade, não ensina. Porque não quer, ou porque não sabe, ou porque não o deixam. Ou talvez porque, simplesmente, tenha deixado de ser possível (se o foi algum dia) ensinar a toda a gente... [...] Os hipermercados não tomaram apenas o lugar das catedrais. Eles são também as novas escolas e as novas universidades, abertas a maiores e a menores sem distinção, com a vantagem de não exigirem exames à entrada ou notas máximas, salvo aquelas que na carteira se contiverem e o cartão de crédito cobrir. O grande subministrador de educação do nosso tempo, incluindo a “cívica” e a “moral”, é o hipermercado. Somos educados para clientes. E essa é a educação básica que estamos a transmitir aos nossos filhos. (SARAMAGO, 2018, p.35-36).

Desta forma, é fácil perceber que estamos a cada dia mais próximos de tudo e de todos através do uso das TIC, especialmente através do uso da Internet, no entanto cada vez mais isolados do convívio humano, como fica claro ao se lerem os romances de Saramago. Ele aponta para a contradição da globalização:

[O mundo do fim do milênio é] um mundo com duas tendências contraditórias: a globalização e a fragmentação. Um homem está em sua casa, afastado de todo o contacto humano, podendo chegar pelo computador, o modem, o fax, a todos os lugares. Cada vez mais perto de tudo e mais longe de tudo. A tecnologia permite-nos ter tudo dentro de casa sem sair dela. E, se eu não estiver satisfeito com a realidade, posso viver noutra realidade, a virtual (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.480).

Sempre crítico à Sociedade da Informação, Saramago proclama que: “Chegará o tempo em que só a morte será real...” (SARAMAGO, 2018, p.159). E ele conclui: “[A globalização], por um lado, fragmenta tudo o que tem a ver com a vida das pessoas, mas por outro lado concentra tudo o que a organiza.” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.489). Dupas (2011, p.51) corrobora dizendo que “No mundo global, os poderes que atuam sobre o destino individual estão mal identificados, ocultos pelas redes multinacionais e pelas grandes organizações internacionais. Esse mundo-espetáculo no qual as vedetes são as figuras do ganhador, do ostentador – e seus palcos eletrônicos -, mitifica o fugaz e o frágil”.

Portanto, neste mundo de espetáculo e exibição, a informação circula amplamente através das redes. Qualquer cidadão, de qualquer parte do mundo e a qualquer momento, pode ter acesso a ela. Dupas afirma que: “A informação tem se convertido em um componente indispensável da reprodução econômica e dos ganhos de competitividade.” (DUPAS, 2011, p.41). Porém, não é necessário possuir a informação, mas ter acesso a ela. No entanto algumas questões surgem a partir deste cenário: Está o cidadão preparado para discernir sobre a informação que está acessando? O cidadão possui recursos (tecnológicos, financeiros,

culturais) para acessar a informação? Quanto à explosão da informação disponível para a sociedade, Agner sinaliza que:

O grande volume de informações disponíveis hoje e a forma como são estruturadas e apresentadas ao público tornam grande parte delas inúteis. O exagero típico na nossa era apagou as diferenças entre dados e informação, entre fatos e conhecimento. Esse fenômeno está na raiz da chamada “ansiedade de informação” - um mal-estar crônico gerado pelo buraco negro que existe entre os dados brutos e o conhecimento. A epidemia, identificada por Wurman, se manifesta como o medo de sermos “esmagados” pelo próprio material de que precisamos para agir neste mundo: a informação. (AGNER, 2009, p.115).

Saramago, discorre sobre estas questões:

O excesso de abundância de informação pode fazer do cidadão um ser muito mais ignorante. Eu explico. Acho que as possibilidades tecnológicas para desenvolver a massificação da informação têm sido muito rápidas. No entanto, o cidadão não dispõe dos elementos e da formação adequados para saber escolher e selecionar, o que leva a que ande perdido nessa selva. Precisamente, nesse desnível é onde se dá a instrumentalização em prejuízo do indivíduo e, portanto a desinformação (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.465).

Portanto, faz-se necessário averiguar as fontes da informação e observar á luz dos fatos a veracidade da mesma. No entanto, as limitações no conhecimento de boa parte da sociedade é um impeditivo para tal ação. A conclusão é que no mundo atual há muita informação e pouca sabedoria.

Numa crítica feroz à sociedade contemporânea, Saramago exclama: “Uma jogada genial nas sociedades modernas foi converter-nos a todos em actores. Tudo hoje é um grande palco: é a panaceia universal, porque fez com que todos nós estivéssemos interessados em aparecer como actores. E desvendamos a nossa intimidade sem pudor [...]” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.492)

Assim, numa sociedade em que predomina a exibição, Saramago resume as preocupações que externou em seus romances e convoca cada ser humano para a ação:

A pergunta que devíamos colocar-nos é: O que é que eu fiz se nada mudou? Deveríamos viver mais no desassossego. O amanhã não acontecerá se não mudarmos o hoje. Como se conta em *A Caverna*, tudo o que levamos às costas na vida são vésperas e todas essas vésperas, incluindo a desesperança, a desilusão, são as que influenciam o amanhã. É preciso fazer o trabalho todos os dias com as mãos, a cabeça, a sensibilidade, com tudo (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.371).

Saramago chegou a dizer que “O mundo nunca foi um lugar tão perigoso como sucede na actualidade” (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.493) e conclama seus leitores para se indignarem com o que veem e assistem.

Portanto, conclui-se, com Saramago, que cada ser humano deve-se perguntar sobre o que está a fazer no mundo.

## Referências

- AGNER, L. **Ergonomia e arquitetura de informação**: trabalhando com o usuário. Rio de Janeiro, Brasil: Quartet, 2009.
- AGUILERA, Fernando Gómez. **José Saramago nas suas palavras**. Alfragide, Portugal: Caminho, 2010.
- BELL, D. **The coming of post-industrial society. A venture in social forecasting**. New York: Basic Books, 1973.
- BORGES, Jorge Luis. **A biblioteca de babel**. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/cafeliterario/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges/>. Acesso em 25 de jan. 2022.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro, Brasil: Editora UFRJ, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 2010.
- DEBORD, Guy. (1997). **A sociedade do espetáculo**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em 25 de jan. 2022.
- DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo, Brasil: Editora UNESP, 2011.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro, Brasil: O Globo, 2003.
- KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. Rio de Janeiro, Brasil: Edições Delta, 1997.
- LOPES, J.M. **Biografia – José Saramago**. Lisboa, Portugal: Guerra & Paz, 2011.
- NUNES, Benedito. Em Saramago, José. **A caverna**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2000.
- RODRIK, Dani. (2011). **A Globalização foi longe demais?**. São Paulo, Brasil: Editora UNESP.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. **Discursos de Estocolmo**. Lisboa, Portugal: Fundação José Saramago, 1998.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2000.
- SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2002.
- SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2006.
- SARAMAGO, José. **O Caderno**. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2009.
- SARAMAGO, José. **Deste mundo e do outro**. Alfragide, Portugal: Caminho, 2010.
- SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil, 2011a.
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**: Diário V. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2011b.
- SARAMAGO, José. **A estátua e a pedra**. Lisboa, Portugal: Fundação José Saramago, 2013.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Lucidez**. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2014a.

SARAMAGO, José. **Os apontamentos**. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2014b.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira: arquitetura de um romance**: notas do autor. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2015.

SARAMAGO, José. **Último caderno de Lanzarote –O diário do ano do Nobel** . São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, João Céu e. **Uma longa viagem com José Saramago**. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2009.